

# Economia Brasil Acerto de preços ainda é um problema sério segundo os empresários

por Aldo Renato Soares  
de Brasília

O vice-presidente da Duratex S.A., Laerte Setúbal, afirmou ontem, após o seminário promovido pela revista Exame, que "ainda não estão claros os níveis de ajustamento de preços entre as indústrias e seus fornecedores". Ele observou que a percentagem, entre os setores que ainda não entraram em acordo é maior do que o índice de 10% que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, mencionou ao responder a uma pergunta durante o seminário.

"A avaliação tem de ser feita em relação à importância do setor, e não pelo número", disse Setúbal, referindo-se particularmente às indústrias de pneus, autopeças e fundidos, que continuam negociação um deflator com a indústria automobilística. Por se tratar de segmentos que têm grande influência sobre os demais e que podem "suportar" a situação atual, o empresário acredita que o governo deveria "estabelecer normas" para propiciar o entendimento entre as partes. "Eu não sei se o fator tempo é a favor ou não deste ajuste", assinalou Setúbal.

Os setores de pneus, fundidos e autopeças continuam a negociação individualmente com as montadoras, mas até agora está "difícil" um entendimento, admitiu o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), André Beer. Ele não falou sobre as consequências deste impasse nem se pediu uma intermediação do governo para a questão.

Beer reafirmou que o plano de estabilização econômica "pegou a indústria automobilística no contrapé" e, se fosse concedido o reajuste de 15% em fevereiro, "a situação seria outra". Enquanto continua a negociação com os fornecedores sobre o deflator a ser aplicado nas compras de componentes, o setor está procurando "prorrogar, no que for possível, seus compromissos e cortar despesas", disse ele.

Dentro de quinze dias, segundo Beer, os representantes da indústria voltarão ao Ministério da Fazenda para obter uma resposta do governo sobre a possibilidade de redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) que incide sobre os veículos. Só de IPI (sem contar o ICM, imposto estadual) a alíquota sobre o preço do veículo é de 21%, informou Beer.

Em relação aos investimentos do setor, o presidente da Anfavea reafirmou o valor de US\$ 2 bilhões até 1990, previsão feita em dezembro de 1985. Assinalou, porém, que há

A única divergência do presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman, no seminário promovido pela revista Exame, foi com a idéia do ministro do Trabalho, Almir Pazzanotto, de criar mecanismos legais para garantir o emprego dos trabalhadores. Sobre a adaptação do setor ao programa econômico, ele assinalou que "fomos os primeiros a nos enquadrar nas novas regras". Ele acrescentou que existe ainda uma "pequena pressão" sobre os atacadistas, por parte de fabricantes que tiveram seus produtos congelados quando seus preços estavam defasados.

## Laerte Setúbal

muitos estudos sobre a viabilização destes investimentos em decorrência da queda da rentabilidade.

## AGRICULTURA

O presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, Flávio Meirelles — presidente interino da Confederação Nacional da Agricultura —, considerou uma "violência" contra a produção primária a programação de pagamento que o governo adotou para a compra de produtos agrícolas.

Para Meirelles, o setor atendeu ao apelo do governo para plantar, mesmo com as consequências da seca para as lavouras, e "agora o resultado do trabalho ficou comprometido". A saída, propôs, é o governo arcar com a diferença de custos no pagamento dos financiamentos a curto prazo dos produtores. "Se o produtor deve pagar ao banco em 30 dias, e o governo só lhe paga em 120 dias, o governo deveria assumir esta diferença de custos", explicou ele.

O empresário rural Olacyr Moraes acredita que a mudança nas regras do pagamento da safra pelo governo "vai implicar problemas para a produção". Na sua opinião, há uma contradição entre a intenção do governo de aumentar a produção e a programação do pagamento da safra. "Isto quebra o imento de novos investimentos na produção", observou ele.